

MARY ANN SHAFFER
ANNIE BARROWS

O BESTSELLER INTERNACIONAL

A SOCIEDADE LITERÁRIA DA TARTE DE CASCA DE BATATA

QUE INSPIROU O FILME



PARTE I





8 de Janeiro de 1946

Mr. Sidney Stark,
Editor da Stephens & Stark, Lda.
St. James's Place, 21
Londres S. W. 1
Inglaterra

Querido Sidney,

A Susan Scott é maravilhosa. Vendemos mais de quarenta exemplares do livro, o que foi muito agradável, mas, na minha opinião, o mais emocionante foi a comida. A Susan conseguiu arranjar senhas de refeição e comprou açúcar fino e ovos a sério para fazer um merengue. Se todos os seus lanches literários atingirem esta qualidade, não me importo nada de fazer uma *tournée* nacional com ela. Achas que um bónus generoso a fará arranjar manteiga também? Vamos experimentar – podes descontar o dinheiro dos meus direitos de autor.

Agora, passemos às minhas notícias mais sombrias. Perguntaste-me como estava a progredir o trabalho no meu novo livro. Sidney, não há qualquer progresso.

No início, o livro *Fraquezas Inglesas* parecia ser tão promissor. Afinal de contas, qualquer pessoa deveria ser capaz de escrever resmas de papel sobre a Sociedade de Protesto Contra a Glorificação do Coelho Inglês.

Descobri uma fotografia do Sindicato dos Exterminadores de Vermes a marchar pela Oxford Street abaixo empunhando cartazes com palavras de ordem como: «Abaixo a Beatrix Potter!» Mas perante uma fotografia destas, o que mais há para escrever além da legenda? Nada, é isso mesmo.

Já não quero escrever este livro – já não está na minha cabeça nem no meu coração. Por muito que adore – e tenha adorado – a Izzy Bickerstaff, não quero escrever mais nada sob este pseudónimo. Quero deixar de ser considerada uma jornalista superficial. Reconheço de facto que fazer os leitores dar gargalhadas – ou pelo menos risadas – em tempos de guerra não é para qualquer um, mas não quero continuar a fazê-lo. Parece que ultimamente não consigo encontrar o sentido de proporção ou equilíbrio nas coisas, e sabe Deus como sem eles é impossível escrever humor.

Entretanto, sinto-me muito feliz por ver que a Stephens & Stark está a ganhar dinheiro com o *Izzy Bickerstaff Vai à Guerra*. Sossega um pouco a minha consciência depois do descalabro da biografia sobre a Anne Brontë.

O meu obrigada por tudo e o meu amor,
Juliet

P. S. – Estou a ler a compilação de correspondência da senhora Montagu. Fazes ideia do que a pobre senhora escreveu a Jane Carlyle? «Minha querida Jane, toda a gente nasce com uma vocação, e a tua é a de escrever pequenas e encantadoras mensagens.» Espero que a Jane lhe tenha cuspido em cima.

De Sidney para Juliet

10 de Janeiro de 1946

Miss Juliet Ashton
Glebe Place, 23
Chelsea
Londres S. W. 3

Querida Juliet,

Os meus parabéns! A Susan Scott disse-me que te agarraste ao público presente no almoço como um bêbado se agarra ao rum - e eles a ti -, por isso, por favor, pára de te preocupares com a digressão da próxima semana. Não tenho a menor dúvida quanto ao teu sucesso. Depois de ter assistido à tua actuação n'*O Rapaz Pastor Canta no Vale da Humilhação* há dezoito anos, tenho a certeza de que terás cada um dos ouvintes na mão breves segundos depois de começares. Dou-te apenas uma dica: talvez desta vez te possas abster de atirar o livro ao público depois de acabares a leitura.

A Susan está ansiosa para te levar a passear pelo circuito de livrarias de Bath a Yorkshire. E, claro, a Sophie está a fazer força para que a digressão se possa estender até à Escócia. Eu disse-lhe com os meus mais irritantes modos de irmão mais velho que logo se verá. Ela sente imenso a tua falta, sei bem disso, mas

a Stephens & Stark não se pode deixar influenciar por tais considerações.

Acabei de receber os valores das vendas da *Izzy* em Londres e nos condados limítrofes – são excelentes. Mais uma vez, parabéns!

Não te preocupes com o *Fraquezas Inglesas*; mais vale o teu entusiasmo ter sucumbido agora do que depois de passares seis meses a escrever sobre coelhos. As possibilidades comerciais dessa ideia eram atraentes, mas concordo que o assunto estava condenado a uma morte rápida. Outro assunto te há-de ocorrer – um de que gostes.

Jantamos uma noite destas antes de partires? Diz quando.

Com amor,
Sidney

P. S. – Tu escreves pequenas e encantadoras mensagens.



De Juliet para Sidney

11 de Janeiro de 1946

Querido Sidney,

Sim, adoraria – pode ser algures perto do rio? Quero ostras, champanhe e carne assada, se possível; se não for possível, um frango também serve. Fico muito

feliz por saber que as vendas da *Izzy* são boas. Serão suficientemente boas para eu não precisar de fazer a mala e sair de Londres?

Uma vez que tu e a S&S fizeram de mim uma autora moderadamente bem-sucedida, o jantar fica por minha conta.

Com amor,
Juliet

P. S. – Não atirei *O Rapaz Pastor Canta no Vale da Humilhação* para o público. Atirei-o para a professora de dicção. Queria atirá-lo aos pés dela, mas falhei a pontaria.

De Juliet para Sophie Strachan

12 de Janeiro de 1946

Mrs. Alexander Strachan
Feochan Farm
Oban
Argyll

Querida Sophie,

É claro que adoraria ver-te, mas sou um ser automatizado, sem alma nem vontade própria. O Sidney mandou-me a Bath, Colchester, Leeds e a mais alguns

lugares com excelentes jardins de que agora não me recordo, por isso, neste momento, não posso fugir para a Escócia. O sobrolho do Sidney haveria de ficar carregado - os olhos semicerrados - e ele perseguir-me-ia. Tu sabes como é enervante quando o Sidney decide perseguir alguém.

Quem me dera poder escapulir-me para a tua quinta e receber os teus mimos. Deixavas-me pôr os pés em cima do sofá, não deixavas? E depois aconchegavas-me com mantas e trazias-me chá. Será que o Alexander se importaria de ter uma residente permanente no seu sofá? Já me disseste que ele é um homem paciente, mas talvez achasse essa situação aborrecida.

Por que motivo estou tão melancólica? Devia estar deliciada por poder ler a *Izzy* perante um público arrebatado. Sabes como adoro falar sobre livros e sabes como adoro receber elogios. Devia estar entusiasmada. Mas a verdade é que me sinto sombria, mais do que me senti durante a guerra. Está tudo tão destruído, Sophie: as estradas, os edifícios, as pessoas. Principalmente as pessoas.

Isto é provavelmente o efeito secundário de um jantar terrível a que fui ontem à noite. A comida estava horrível, mas isso já era de esperar. Foram os convidados que me enervaram - formavam o grupo de indivíduos mais desmoralizantes que alguma vez encontrei. A conversa girou em torno de bombas e da fome. Lembras-te da Sarah Morecroft? Também lá estava, só ossos, pele de galinha e batom da cor do sangue. Ela não era uma mulher bonita? Não era doída por aquele rapaz que montava a cavalo e que foi para Cambridge? Dele

nem sinal; a Sarah agora é casada com um médico de pele cinzenta que dá estalidos com a língua antes de falar. Comparado com o meu companheiro de jantar, o marido dela é uma figura que parece saída de um romance; o dito companheiro por acaso era solteiro, presumivelmente o último à face da Terra – oh, Deus, que infeliz e mesquinha pareço!

Juro, Sophie, acho que algo de errado se passa comigo. Todos os homens que conheço me parecem intoleráveis. Talvez devesse baixar o meu nível de exigência – não tão abaixo como o médico cinzento que dá estalidos com a língua, mas um pouco mais baixo do que agora. E nem sequer posso culpar a guerra – eu nunca tive muito jeito para os homens, pois não?

Achas que o homem das caldeiras de St. Swithin foi o meu único amor verdadeiro? Parece-me pouco provável, uma vez que nunca falei com ele, mas pelo menos foi uma paixão intocada pela desilusão. E ele tinha aquele lindo cabelo preto. Depois disso, veio o Ano dos Poetas, recordas-te? O Sidney é bastante desagradável em relação àqueles poetas, embora eu não consiga entender porquê, já que foi ele quem nos apresentou. Depois, o pobre Adrian. Bem, não há necessidade de estar a desfiar as minhas desgraças, mas o que haverá de errado comigo, Sophie? Serei demasiado esquisita? Não quero casar só para estar casada. Não consigo imaginar nada mais solitário do que passar o resto da minha vida com alguém com quem não posso falar, ou pior, com alguém com quem não posso estar em silêncio.

Que carta tão maçadora e repleta de lamentos. Estás a ver? Consegui fazer com que te sintas aliviada por não poder ir à Escócia. Mas, por outro lado, talvez possa – o meu destino está nas mãos do Sidney.

Dá um beijo meu ao Dominic e diz-lhe que no outro dia vi uma ratazana do tamanho de um *terrier*.

Com amor para o Alexander
e mais ainda para ti,
Juliet



De Dawsey Adams, Guernsey, Ilhas do Canal, para Juliet

12 de Janeiro de 1946

Miss Juliet Ashton
Oakley Street, 81
Chelsea
Londres S. W. 3

Cara Miss Ashton,

O meu nome é Dawsey Adams e vivo na minha quinta, na Paróquia de St. Martin, em Guernsey. Sei da sua existência porque tenho comigo um livro que outrora lhe pertenceu – *Selected Essays of Elia*, de um autor cujo nome verdadeiro era Charles Lamb. O seu nome e morada estavam escritos na face interior da capa.

Vou falar com toda a franqueza – eu adoro o Charles Lamb. O livro que tenho é de ensaios seleccionados, por isso questiono-me se isso significa que ele terá escrito outras coisas, de onde estes resultaram os escolhidos? São esses os textos que quero ler, e apesar de os alemães já se terem ido embora, já não restam livrarias em Guernsey. Quero, por isso, pedir-lhe um favor. Pode enviar-me o nome e endereço de uma livraria em Londres? Gostaria de mandar vir por correio outros livros de Charles Lamb. Gostava também de perguntar se alguém escreveu a sua biografia, e se for esse o caso, será possível encontrar um exemplar para mim? Apesar de toda a alegria e agilidade mental que demonstra, creio que o senhor Lamb deve ter tido um grande desgosto na vida.

O Charles Lamb fez-me rir durante a Ocupação Alemã, especialmente quando escreveu sobre o porco assado. A Sociedade Literária da Tarte de Casca de Batata nasceu devido à necessidade de manter um porco assado em segredo, de modo a que os soldados alemães não o descobrissem, por isso sinto uma certa afinidade com o senhor Lamb.

Peço desculpa por estar a incomodá-la, mas ficaria ainda mais pesaroso se não tivesse descoberto a sua existência, já que os trabalhos dele me tornaram seu amigo.

Na esperança de não a ter incomodado,
Dawsey Adams

P. S. – A minha amiga Mrs. Maugery comprou um manifesto que também lhe pertence. Chama-se *Haverá*

um Arbusto a Arder? Uma Defesa de Moisés e dos Dez Mandamentos. Ela gostou da sua anotação, que dizia: «Palavra de Deus ou controle das multidões???» Já chegou a alguma conclusão em relação a esta questão?

De Juliet para Dawsey

15 de Janeiro de 1946

Mr. Dawsey Adams
Les Vauxlarens
La Bouvée
St. Martin's, Guernsey

Caro Mr. Adams,

Já não vivo em Oakley Street, mas fico muito contente por a sua carta me ter conseguido encontrar e por o meu livro ter conseguido encontrá-lo a si. Foi com a mais profunda dor que me separei dos *Selected Essays of Elia*. Tinha dois exemplares e uma necessidade absoluta de espaço nas prateleiras, mas senti-me uma traidora por o ter vendido. A sua carta acalmou a minha consciência.

Questiono-me como terá o livro ido parar a Guernsey? Talvez exista nos livros uma espécie de instinto que os leva para as mãos dos seus leitores ideais. Como seria delicioso que isto fosse verdade.

Uma vez que não existe nada que mais gosto me dê do que inspeccionar livrarias, assim que recebi a sua carta,

fui de imediato à livraria Hastings & Sons. Há anos que lá vou e encontro sempre o livro que procuro – e também mais três que não sabia que procurava. Disse ao senhor Hastings que o senhor queria um exemplar bom, limpo (e não uma edição rara) de *More Essays of Elia*. Ele vai enviar-lho por correio (a factura vai incluída) e ficou deliciado por saber que também é um admirador de Charles Lamb. Disse-me que a melhor biografia que se fez dele foi pela mão de E. V. Lucas, e que vai procurar um exemplar para si, embora possa demorar algum tempo.

Entretanto, peço-lhe que aceite um pequeno presente da minha parte. É uma compilação das cartas de Lamb. Acho que poderão dizer-lhe mais sobre ele do que qualquer biografia. A biografia de E. V. Lucas parece-me demasiado séria para incluir o meu excerto favorito de Lamb: «Buz, buz, buz, bum, bum, bum, wheeze, wheeze, wheeze, fen, fen, fen, tinky, tinky, tinky, cr’annch! Chegarei finalmente e com toda a certeza ao mundo dos condenados. Há dois dias que bebo demais. Encontro a minha moral no último estágio de degradação e a minha fé cada vez mais débil.» Encontra-o nas *Cartas*, (na página 244). Foi a primeira obra de Lamb que li, e sinto-me envergonhada por dizer que só comprei o livro porque li algures que um homem chamado Lamb tinha ido visitar o seu amigo Leigh Hunt que estava na prisão por ter difamado o Príncipe de Gales.

Enquanto lá estive, Lamb ajudou Hunt a pintar o tecto da sua cela de azul-céu com nuvens brancas. Depois, pintaram uma cerca de rosas numa das paredes. Acabei por descobrir mais tarde que Lamb ofereceu dinheiro para ajudar a família de Hunt – embora

ele próprio fosse tão pobre quanto um homem pode ser. Lamb também ensinou a filha mais nova de Hunt a rezar o pai-nosso de trás para a frente. É óbvio que se fica com vontade de conhecer o mais possível sobre um homem assim.

É isso que amo na leitura: um detalhe num livro interessa-nos, esse pequeno detalhe leva-nos a outro livro, e um outro detalhe neste segundo livro leva-nos ao terceiro livro. É geometricamente progressivo – sem fim à vista e sem nenhuma outra razão que não seja o verdadeiro prazer.

A mancha vermelha na capa que parece sangue – é sangue. Fui descuidada com a minha faca de papel. O postal que o acompanha é uma reprodução de um quadro de Lamb pela mão do seu amigo William Hazlitt.

Se tiver tempo para se corresponder comigo, será que podia responder-me a algumas perguntas? Na verdade, são três. Por que razão um jantar de porco assado teve de ser mantido em segredo? Como pode um porco ter estado na origem de uma sociedade literária? E, mais importante do que isso, o que é uma tarte de casca de batata e por que motivo dá o nome à vossa sociedade?

Arrendei um apartamento em Glebe Place, 23, Chelsea, Londres S. W. 3. O meu apartamento de Oakley Street foi bombardeado em 1945 e ainda hoje sinto muitas saudades dele. Oakley Street era um lugar maravilhoso – podia ver o Tamisa de três das minhas janelas. Sei que tenho sorte por ter um lugar para morar em Londres, mas prefiro choramingar as minhas desgraças do que contar as minhas bênçãos.

Fico feliz por ter pensado em mim para o ajudar na busca da Elia.

Com os melhores cumprimentos,
Juliet Ashton

P. S. – Nunca me consegui decidir sobre Moisés – ainda é um assunto que me aborrece.



De Juliet para Sidney

18 de Janeiro de 1946

Querido Sidney,

Isto não é uma carta: é um pedido de desculpa. Por favor, perdoa-me por me ter queixado dos almoços e lanches que marcaste para a Izzy. Chamei-te tirano? Retiro o que disse – adoro a Stephens & Stark por me mandar para fora de Londres.

Bath é uma cidade gloriosa: adoráveis ruas em forma de meia-lua com casas altas e brancas, em contraste com os edifícios negros e sombrios de Londres ou – pior ainda – com os montes de entulho que outrora foram edifícios. É uma bênção poder respirar o ar limpo e fresco que não traz consigo fumo de carvão e pó. Faz frio, mas não o frio húmido de Londres. Até as pessoas nas ruas parecem diferentes – andam de cabeça

erguida, como as suas casas, e não são cinzentas e curvadas como os londrinos.

A Susan disse que os convidados do lanche literário da Abbot se divertiram muitíssimo – e sei que o mesmo se passou comigo. Dois minutos depois de começar, consegui descolar a língua do céu da boca e acabei por passar um excelente bocado.

Eu e a Susan partimos amanhã para visitar as livrarias de Colchester, Norwich, King's Lynn, Bradford e Leeds.

Com amor e agradecimentos,
Juliet



De Juliet para Sidney

21 de Janeiro de 1946

Querido Sidney,

Viajar novamente de comboio durante a noite é maravilhoso! Não é preciso ficar de pé nos corredores durante horas, não precisamos de mudar de linha para deixar passar um comboio cheio de militares, e, sobretudo, não há cortinas negras nas janelas. Todas as janelas pelas quais passámos estavam iluminadas e pude voltar a espreitar para as casas das pessoas. Tive umas saudades terríveis de fazer isto durante a guerra. Senti-me como se subitamente todos nos tivéssemos

transformado em toupeiras e cada um de nós andasse a percorrer os seus túneis individuais. Não me considero uma bisbilhoteira de verdade – essas observam os quartos, mas a mim o que mais me interessa são as salas de estar e as cozinhas. Consigo imaginar as vidas inteiras das pessoas só por olhar de relance para as prateleiras dos livros, ou para as secretárias, ou para as velas acesas ou as almofadas coloridas no sofá.

Hoje, na livraria Tillman, estava um homem horrível, com ares de superioridade. Depois de falar sobre a *Izzy*, perguntei se alguém gostaria de fazer perguntas. Ele saltou literalmente da cadeira para se vir encostar ao meu nariz – como é que eu, perguntou ele, uma mera mulher, me atrevia a conspurcar o nome de Isaac Bickerstaff? «O verdadeiro Isaac Bickerstaff, afamado jornalista, o verdadeiro coração e alma da literatura do século dezoito: está agora morto e o seu nome anda a ser profanado por si.»

Antes de eu conseguir dizer fosse o que fosse, uma mulher saltou de uma cadeira da última fila. «Oh, sente-se! Não se pode profanar uma pessoa que nunca existiu! Ele não está morto porque nunca esteve vivo! Isaac Bickerstaff era o pseudónimo que Joseph Addison usava para assinar as suas colunas na *Spectator*! A Miss Ashton pode assumir o pseudónimo que lhe apetecer – por isso, cale-se!» Mas que valente defensora – o homem saiu da livraria apressadamente.

Sidney, conheces um homem chamado Markham V. Reynolds, Júnior? Se não conheces, fazes-me o favor de o investigar por mim? Procura no *Quem é Quem*, no livro de censos ou na Scotland Yard. Se estes falharem,

é provável que esteja simplesmente na lista telefónica. Enviou-me um bonito ramo de flores campestres para o hotel em Bath, uma dúzia de rosas brancas para o comboio, e um monte de rosas vermelhas para Norwich – nenhum trazia mensagem, apenas o cartão timbrado com o seu nome.

E, já agora, como é que ele sabe onde a Susan e eu estamos? Os comboios que apanhamos? Todas as suas flores me encontraram à chegada. Não sei se deva sentir-me lisonjeada se perseguida.

Com amor,
Juliet

De Juliet para Sidney

23 de Janeiro de 1946

Querido Sidney,

A Susan acabou de me mostrar os valores das vendas da *Izzy* – mal posso acreditar nos meus olhos. Achei sinceramente que as pessoas estariam tão cansadas da guerra que ninguém ia querer mais uma lembrança desses tempos – e certamente não em forma de livro. Felizmente e mais uma vez, tu estavas certo e eu errada (quase morro ao ser forçada a admitir uma coisa destas).

Viajar, falar perante públicos que bebem as minhas palavras, autografar livros e conhecer pessoas novas é excitante. As mulheres que conheci contaram-me as suas próprias histórias de guerra, e são tão boas que quase desejei voltar a ter a minha coluna. Ontem, tive uma conversa adorável e descontraída com uma senhora de Norwich. Tem quatro filhas adolescentes, e na semana passada, a mais velha foi convidada para lanchar na escola de cadetes da cidade. Ataviada com o seu melhor vestido e imaculadas luvas brancas, a rapariga dirigiu-se à escola, entrou no edifício, deu uma vista de olhos ao mar de rostos resplandecentes dos cadetes que estavam à sua frente – e desmaiou ali mesmo! A pobre criança nunca tinha visto tanto homem junto na sua vida. Ora pensa nisso: uma geração inteira de raparigas cresceu sem bailes, lanches ou namoricos.

Adoro visitar as livrarias e conhecer os livreiros – eles são, de facto, uma espécie particular de pessoas. Ninguém, em seu perfeito juízo, aceitaria tomar conta de uma livraria pelo dinheiro que ganha, e ninguém com dois dedos de testa quereria ser dono de uma livraria – a margem de lucro é tão pequena. Por isso, a força que os motiva tem de ser o amor à leitura e aos leitores – assim como a vantagem de ver os livros novos em primeira mão.

Lembras-te do primeiro emprego que eu e a tua irmã tivemos em Londres? Na livraria de livros em segunda mão do rezingão senhor Hawke? Como eu gostava dele – ele abria uma caixa de livros, entregava-nos um ou dois e dizia: «Não quero cinza de cigarros e quero

as mãos limpas – e, por amor de Deus, Juliet, nada de anotações nas margens das páginas! Sophie, querida, não a deixes beber café enquanto lê». E lá íamos nós para casa com livros novos para ler.

Naquela altura, deixava-me admirada, e ainda deixa, que a maior parte das pessoas que entra nas livrarias não saiba do que está à procura – querem apenas dar uma vista de olhos e encontrar um livro que lhes agrade. E depois, se forem suficientemente inteligentes para não acreditarem na conversa do vendedor, fazem ao livreiro três perguntas: (1) De que trata o livro? (2) Já o leu? (3) Achou-o bom?

Os verdadeiros vendedores de livros – como eu e a Sophie – não conseguem mentir. As expressões dos nossos rostos denunciavam-nos sempre. Um sobrolho erguido ou o lábio torcido revelavam que o livro nem devia ter sido publicado; os clientes inteligentes pediam então uma recomendação, e nós lá os levávamos até uma obra em particular que os encorajávamos a ler. Se a lessem e a detestassem, nunca mais voltavam à livraria. Mas se gostassem do livro, então transformavam-se em clientes para o resto da vida.

Estás a tomar notas? Devias – um editor nunca deve enviar apenas um exemplar de leitura para as livrarias, mas sim vários, para que todo o pessoal os possa ler.

O Mr. Seton disse-me que a *Izzy Bickerstaff* é um presente ideal para as pessoas de quem gostamos, e também para aquelas de quem não gostamos mas temos de presentear de qualquer maneira. Disse-me também que

trinta por cento dos livros que vende são para oferecer. Trinta por cento??? Terá mentido?

A Susan já te disse o que mais conseguiu organizar, além da nossa *tournée*? A mim. Ainda nem há meia hora nos conhecíamos, já ela estava a tomar decisões sobre a minha maquilhagem, o meu guarda-roupa, o meu cabelo e os meus sapatos, que estavam uma vergonha. A guerra já acabou, eu não tinha dado por isso?

Levou-me ao salão da Madame Helena para cortar o cabelo; está agora curto e encaracolado, em vez de comprido e liso. Também fiz umas madeixas leves – a Susan e a Madame disseram que iria realçar os tons dourados nos meus «lindos caracóis acastanhados». Mas eu sei bem qual é a verdade; é para tapar os cabelos grisalhos (quatro, pelas minhas contas) que começaram a aparecer. Também comprei um boião de creme facial, um creme para as mãos que cheira lindamente, um batom novo e um revirador de pestanas – que me faz trocar os olhos sempre que o uso.

Depois, a Susan sugeriu-me que comprasse um vestido novo. Recordei-a de que a Rainha andava muito feliz por continuar a usar o seu guarda-roupa de 1939, por isso, porque não poderia eu fazer o mesmo? Respondeu-me que a Rainha não precisa de impressionar desconhecidos – mas que eu preciso. Senti-me uma traidora da Coroa e da pátria; nenhuma mulher decente tem roupas novas – mas esqueci-me disto no preciso instante em que me vi ao espelho. O meu primeiro vestido novo em quatro anos, e que vestido! É da mesmíssima cor de um pêssigo maduro e cai em adoráveis pregas quando me mexo. A vendedora disse que o vestido tinha um

estilo «gaulês chique», e que se o comprasse, também eu ficaria chique. Por isso, comprei-o. Os sapatos novos vão ter de esperar, já que praticamente gastei as senhas de vestuário de um ano inteiro naquele vestido.

Depois da Susan, do cabelo, do rosto e do vestido, já não pareço uma mulher de trinta e dois anos apática e esfarrapada. Pareço uma mulher moderna, vivaça e alta-costurizada (se este verbo não existe, devia existir) de trinta anos.

A propósito do meu novo vestido e dos sapatos velhos - não é chocante ter restrições mais austeras depois da guerra do que durante? Percebo que as centenas de milhares de pessoas espalhadas pela Europa têm de ser alimentadas, abrigadas e vestidas, mas no meu íntimo ressinto-me com o facto de tantos deles serem alemães.

Ainda não tenho ideias quanto ao livro que quero escrever. Está a começar a deixar-me deprimida. Tens alguma sugestão?

Uma vez que estou num território que para mim é no Norte, esta noite vou ligar para a Escócia, para a Sophie. Tens algum recado para a tua irmã? Para o teu cunhado? Para o teu sobrinho?

Esta é a carta mais comprida que alguma vez escrevi. Não precisas de responder na mesma medida.

Com amor,
Juliet



De Susan Scott para Sidney

25 de Janeiro de 1946

Querido Sidney,

Não acredite em tudo o que os jornais dizem. A Juliet não foi presa nem algemada. Foi meramente reprimida por um dos agentes da Polícia de Bradford, e até ele se viu aflito para manter uma expressão séria.

Ela atirou, de facto, com um bule à cabeça do Gilly Gilbert, mas não acredite no que ele diz acerca do escaldão: o chá estava frio. Além de que foi mais um voo rasante do que um tiro certo. O gerente do hotel nem nos deixou pagar-lhe o bule – ficou apenas amolgado. No entanto, o gerente foi forçado pelos gritos do Gilly a chamar a polícia.

Segue então a história, da qual assumo a total responsabilidade. Devia ter recusado o pedido do Gilly para entrevistar a Juliet. Já sabia bem o tipo odioso de pessoa que ele é, um daqueles vermes pegajosos que trabalha para o *The London Hue and Cry*. Sabia também que o Gilly e o *LH&C* têm uns ciúmes terríveis do sucesso que a *Spectator* atingiu com a coluna da Izzy Bickerstaff – e da Juliet também.

Tínhamos acabado de regressar ao hotel, depois da festa dada pela Brady's Booksmith em honra da Juliet. Estávamos ambas cansadas – e muito satisfeitas conosco mesmas – quando vimos o Gilly a saltar de uma cadeira da sala de estar. Ele implorou-nos que bebêssemos um chá com ele. Implorou por uma pequena

entrevista com «a nossa maravilhosa Miss Ashton – ou deverei dizer com a Izzy Bickerstaff da Inglaterra?» A graxa dele já devia ter sido o suficiente para me alertar, mas não – eu quis sentar-me, vangloriar-me com o sucesso da Juliet, e beber um chá com leite.

E foi isso que fizemos. A conversa estava a decorrer suavemente e a minha cabeça estava a divagar quando ouvi o Gilly dizer: «... a menina foi uma viúva da guerra, não é verdade? Ou por outra – quase uma viúva da guerra – vai dar ao mesmo. Esteve noiva de um Tenente Rob Dartry, não esteve? Chegou a tratar dos preparativos para a cerimónia e tudo, não foi?»

«Desculpe, como diz, Mr. Gilbert?», perguntou a Juliet. Já sabes como ela é educada.

«Penso que não me enganei, pois não? A menina e o Tenente Dartry chegaram a pedir a licença de casamento. Marcou hora para se casar no Registo Civil de Chelsea no dia 13 de Dezembro de 1942, às onze da manhã. Marcou um almoço no Ritz – só que não chegou a comparecer em nenhum destes lugares. É bastante óbvio que abandonou o Tenente Dartry no altar – pobre rapaz – e o enviou de volta para o seu navio, sozinho e humilhado, navio em que ele partiu com o coração despedaçado para a Birmânia, onde três meses depois foi morto.»

Levantei-me, com a boca aberta de espanto. Limitei-me a olhar de modo impotente para ele, enquanto a Juliet tentava ser civilizada. «Não o abandonei no altar, mas sim no dia anterior. E ele não se sentiu humilhado – sentiu-se aliviado. Disse-lhe simplesmente que afinal já não queria casar com ele. Acredite em mim, senhor

Gilbert, quando me deixou, ele era a imagem da felicidade – estava radiante por se ter visto livre de mim. Ele não se arrastou para o barco, solitário e traído – foi directamente para o Clube CCB e dançou a noite toda com a Belinda Twining.»

Bem, Sidney, por muito surpreendido que o Gilly tenha ficado, não se deixou abater. Como acontece com os roedores da laia dele, não é? Ele imaginou rapidamente que seria capaz de obter uma história ainda mais suculenta para o seu jornal.

«Oh-Oh!», exclamou com um sorriso. «Então o que foi? A bebida? Outra mulher? Ou um acesso à moda do velho Oscar Wilde?»

Foi nessa altura que a Juliet lhe atirou com o bule do chá. Podes imaginar o tumulto que se seguiu – a sala de estar estava cheia de outras pessoas que lanchavam – e daí, certamente, a notícia ter chegado aos jornais.

Achei que a parangona «IZZY BICKERSTAFF VAI À GUERRA – OUTRA VEZ! Jornalista ferido em escaramuça num hotel» foi um pouco dura, mas até não achei nada de mais. Mas a «O ROMEU FALHADO DE JULIET – UM HERÓI CAÍDO EM DESGRAÇA NA BIRMÂNIA» foi revoltante, mesmo para o que é de esperar do Gilly Gilbert e do *Hue and Cry*.

A Juliet está preocupada com o facto de poder ter envergonhado a Stephens & Stark, mas está realmente doente com esta manipulação do nome do Rob Dartry. Tudo o que lhe consegui arrancar foi que o Rob Dartry era um homem bom, muito bom – que não tem culpa de nada do que aconteceu – e que não merecia uma afronta destas!

Conheceste o Rob Dartry? É claro que a conversa do Oscar Wilde e da bebida são puras mentiras, mas por que razão cancelou a Juliet o casamento? Sabes? E se soubesses, contavas-me? É claro que não; nem sei porque te estou a pedir uma coisa destas.

Os mexericos vão acabar por morrer, claro, mas será que a Juliet tem de estar em Londres no auge da confusão? Seria melhor prolongarmos a nossa *tournee* até à Escócia? Confesso que tenho uma opinião ambivalente no que diz respeito a essa viagem; as vendas lá foram espectaculares, mas a Juliet tem trabalhado tanto nestes almoços e chás – não é fácil estares numa sala cheia de pessoas e enalteceres a tua própria pessoa e o livro que escreveste. Ela não está habituada a este ritmo como eu estou, e julgo que anda muito cansada.

No domingo, vamos estar em Leeds, por isso nessa altura diz-me o que pensas sobre a Escócia.

É claro que o Gilly Gilbert é uma criatura desprezível e vil e eu só desejo que o seu fim seja bastante doloroso, mas ele acabou por empurrar o *Izzi Bickerstaff Vai à Guerra* para a lista dos livros mais vendidos. Sinto-me tentada a escrever-lhe uma nota de agradecimento.

Tua, mas cheia de pressa,
Susan

P. S. – Já descobriste quem é o Markham V. Reynolds?
Hoje enviou uma floresta de camélias à Juliet.



Telegrama de Juliet para Sidney

LAMENTO IMENSO TER-TE ENVERGONHADO E À
STEPHENS & STARK TAMBÉM. COM AMOR, JULIET



De Sidney para Juliet

26 de Janeiro de 1946

Miss Juliet Ashton
Hotel Queens
City Square
Leeds

Querida Juliet,

Não te preocupes com o Gilly - não envergonhaste a S&S; só tenho pena de que o chá não estivesse mais quente e de não teres apontado mais para baixo. A imprensa anda a perseguir-me para lhes prestar uma declaração em relação à última escandaleira do Gilly, e é isso mesmo que vou fazer. Não te preocupes; vou falar do papel do jornalismo nestes tempos degenerados e não sobre ti e o Rob Dartry.

Acabei de falar com a Susan sobre a possibilidade de ires à Escócia e - embora saiba que a Sophie jamais me perdoará - decidi que não será possível. As vendas da Izzy estão a subir - bastante - e acho que devias voltar para casa.

O *Times* quer que escrevas um longo artigo para o suplemento literário – uma parte de uma série de três histórias que planeiam publicar em números seguidos. Vou deixar que te surpreendam com o assunto, mas posso prometer-te já três coisas: querem que seja escrito pela Juliet Ashton, não pela Izzy Bickerstaff; o assunto é sério; e a soma mencionada dará para encheres o teu apartamento de flores frescas todos os dias durante um ano, comprares uma colcha de cetim (o Lorde Woolton diz que já não é preciso ficar-se sem casa para se poder comprar roupa de cama nova), e ainda um par de sapatos de pele verdadeira – se os conseguires encontrar. Podes ficar com as minhas senhas.

O *Times* só precisa do artigo no final da Primavera, por isso temos mais algum tempo para pensar numa nova possibilidade de livro para ti. Tudo boas razões para voltares depressa, embora a maior de todas seja que tenho saudades tuas.

Agora, sobre o Markham V. Reynolds, Júnior. Sei quem ele é, e o *Domesday Book* não me ia servir de nada – ele é americano. É o filho e herdeiro do Markham V. Reynolds, Sénior, que antigamente detinha o monopólio das fábricas de papel dos Estados Unidos, mas que agora é dono apenas de uma parte delas. O Reynolds, Júnior, como é um homem dado às artes, não suja as mãos a fabricar papel – em vez disso imprime nele. É editor. O *New York Journal*, a *Word*, a *View* – são tudo publicações dele e ainda é dono de mais umas quantas revistas pequenas. Já sabia que ele estava em Londres. Oficialmente, está cá para

inaugurar a redacção londrina da *View*, mas corre o boato de que está a pensar em começar a editar livros, e de que está cá para seduzir os melhores autores de Inglaterra com visões de fartura e prosperidade na América. Não sabia que a sua técnica incluía rosas e camélias, mas não estou surpreendido. Ele sempre teve a sua quota-parte do que aqui chamamos de lata e que os americanos chamam de espírito empreendedor. Espera só até o veres – ele já foi a desgraça de mulheres mais fortes do que tu, incluindo a minha secretária. Lamento dizer-te que foi ela quem lhe deu o teu itinerário e as tuas moradas. A tonta da mulher achou que ele tinha um aspecto muito romântico, com «um fato impecável e sapatos feitos à mão». Deus do Céu! Ela não pareceu entender o conceito de quebra de confidencialidade, por isso tive de a despedir.

Ele está interessado em ti, disse não há dúvida, Juliet. Achas que devo desafiá-lo para um duelo? Ele ia acabar por me matar, com toda a certeza, por isso preferia não o desafiar. Minha querida, não te posso prometer fartura ou prosperidade, nem sequer manteiga, mas sabes bem que és a autora mais estimada da Stephens & Stark – principalmente do Stark –, não sabes?

Jantamos na tua primeira noite em Londres?

Com amor,
Sidney



**«UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO...
UM ROMANCE DELICIOSO, INESQUECÍVEL.»**
BOOKPAGE

Londres, 1946. Depois do sucesso estrondoso do seu primeiro livro, a jovem escritora Juliet Ashton procura duas coisas: um assunto para a sua nova obra, e, embora não o admita abertamente, um homem com quem partilhar a vida e o amor pelos livros.

É com surpresa que, um dia, Juliet recebe uma carta de um senhor chamado Dawsey Adams, residente na ilha britânica de Guernsey, a comunicar que tem um livro que outrora pertenceu a Juliet.

Curiosa por natureza, Juliet começa a corresponder-se com vários habitantes da ilha. É assim que descobre que Guernsey foi ocupada pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, e que as pessoas com quem agora se corresponde formavam um clube secreto a que davam o nome de Sociedade Literária da Tarte de Casca de Batata. O que nasceu como um mero álibi para encobrir um inocente jantar de porco assado transformou-se num refúgio semanal, pleno de emoção e sentido, no meio de uma guerra absurda e cruel.

Fascinada pela história da dita Sociedade Literária, e ainda mais pelos seus novos amigos, Juliet parte para Guernsey. O que encontra na ilha mudará a sua vida para sempre.

Uma história comovente sobre o poder da amizade, dos livros e do amor.

Vencedor do Indie Choice Awards
atribuído pela Associação de Livreiros Americanos

Vencedor do Times Paperback of the Year
atribuído pelo jornal britânico *The Times*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897870323



9 789897 870323 >